

O poema e a construção do leitor-literário no livro didático do 4º ano do Ensino Fundamental I

The poem and the construction of the reader-literary in the 4th grade textbook of Elementary School I

Magda Dezotti¹
Ana Vitoria Faria Azevedo²

RESUMO:

Este artigo apresenta reflexões sobre o trabalho com a literatura no ensino básico, enfocando o uso de poemas. Para tanto, manifesta os resultados e discussões acerca de uma pesquisa que buscou analisar se existe o emprego de poemas em um livro didático direcionado ao 4º ano do Ensino Fundamental I, atualizado conforme a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Em resposta positiva, busca-se verificar como o gênero é trabalhado, para quais fins é retratado e se este auxilia na percepção do sujeito sobre si e sobre o mundo do qual precisa participar de forma ativa. Buscou-se, ainda, compreender se o material incentiva a construção do leitor-literário em se tratando de poesia no ano correspondente. Constatou-se que apesar das mudanças que marcaram as últimas décadas sobre as concepções relacionadas ao papel e importância da literatura, os poemas apresentam um espaço tímido no material didático, com funções ocasionais, visto que não faz parte da obrigatoriedade de conteúdos trabalhados no 4º ano.

PALAVRAS-CHAVE: Poemas; Literatura; Ensino; Educação Básica.

¹Doutora em Educação – Universidade Federal de Pernambuco. Mestre em Letras – Universidade Estadual de Maringá. Professora efetiva da Universidade do Estado de Minas Gerais – Unidade Carangola. E-mail: magda.dezotti@uemg.br – Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3460-8423>

² Pedagoga - Universidade do Estado de Minas Gerais – E-mail: ana_vitoriafaria@hotmail.com - <https://orcid.org/0000-0002-0326-3725>

ABSTRACT:

This article presents reflections on the work with literature in elementary school, focusing on the use of poems. To do so, it shows the results and discussions about a research that sought to analyze whether there is the use of poems in a textbook directed to the 4th year of elementary school, updated according to the Common National Curricular Base (BNCC). If the answer is positive, we seek to verify how the genre is worked, for which purposes it is portrayed, and whether it helps in the perception of the subject about himself and about the world in which he needs to participate actively. We also sought to understand whether the material encourages the construction of the reader-literary in the case of poetry in the corresponding year. It was found that despite the changes that have marked the last decades on the conceptions related to the role and importance of literature, poems have a shy space in the teaching material, with occasional functions, since it is not part of the mandatory content worked in the 4th grade.

KEYWORDS: Poems; Literature; Teaching; Basic Education.

Introdução

Ao deprender a literatura como uma necessidade da existência humana, que precisa ser percebida e saciada, é inteligível que para que aconteça a formação integral do sujeito histórico-social, ela carece ser experienciada no ambiente escolar. É papel da escola auxiliar na construção do aluno-leitor. Desta maneira, a visão aqui empregada de literatura é entendida, portanto, como um conjunto de criações humanas verbal e esteticamente trabalhado que se formulam como uma ponte para que o indivíduo se conheça a si, percebendo-se no mundo através do enlace poético. Assim, Candido (2011, p. 176) afirma:

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações.

Com efeito, a poesia pode ser entendida como uma das manifestações mais significativas da literatura, com notória disposição para contribuir no processo de humanização do sujeito. Expressada majoritariamente na forma de poema, ela se estabelece pela representação do sentimento de ser humano alicerçado ao contexto social em que o poeta vivenciou e que o leitor vivencia quando ocorre a leitura. Configura-se como uma ponte de vivências, sentimentos e reflexões que se constroem na interação entre o autor e o leitor, mediada pelo texto.

A leitura de um poema concentra-se na ludicidade, permitindo ao leitor brincar com versos e se deliciar com as palavras, descobrindo formas de dançar com e por elas (palavras e práticas sociais lúdicas), de forma rimada, metrificada ou não, em haicais, sonetos, versos livres, dentre outras possibilidades. Para que tal experiência aconteça, a construção do leitor precisa acontecer desde cedo, em especial, na escola. O ambiente educacional pode ser favorável para o contato com a literatura, com a exposição de poemas, traçando, então, possibilidades de apropriação do texto poético como uma construção social. “É preciso oferecer poesia desde a infância, além de outros livros, que tornem a leitura mais agradável e a transforme num hábito” (MIRANDA, 2018, p. 32).

Assim, parte-se do princípio de que a leitura literária deve fazer parte do cotidiano escolar, concorrendo para construção do aluno-leitor e para o desenvolvimento de sujeitos conhecedores de si, que compreendem as interações sociais do meio que vivem. Nesse sentido destaca-se a relevância de proporcionar o contato com o texto poético desde os primeiros anos de escolarização.

Entretanto, é sabido que nem todas as escolas dispõem de recursos diversificados para trabalhar com livros literários. E um dos recursos que chega à maioria dos estudantes é o livro didático, garantido pelo Programa Nacional do Livro Didático. Diante do exposto, propõe-se analisar o poema como objeto de estudo no livro didático e verificar se nele são construídas relações entre o gênero poema e a Educação Básica e, se estas existem, compreender como essas relações foram estabelecidas e propostas. O enfoque da pesquisa se direcionou ao 4º ano Ensino Fundamental I, como uma forma de compreender como os poemas são apresentados em um recurso didático-pedagógico atualizado conforme a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2017).

Cabe ressaltar que as questões norteadoras da presente pesquisa foram: *De que forma os poemas são apresentados no material didático? O manual destinado ao professor orienta o trabalho docente? Em caso positivo, de que forma? O trabalho com poemas centra-se somente em papéis secundários ou auxilia na construção do ser sujeito e na percepção do mundo?*

O objetivo central do presente artigo é apresentar os resultados de um estudo que busca contribuir para a complementação e ampliação de conhecimentos que já foram realizados e descritos sobre a utilização do poema na educação básica. Além disso, como objetivo específico o estudo concentra-se em compreender as orientações contidas no manual do professor, bem como o modo como o poema é apresentado no livro didático do aluno, que é dirigido ao 4º ano do Ensino Fundamental I.

1. Infância, literatura e escola: conceitos e funções

Nesta seção são abordadas considerações sobre as mudanças estabelecidas, ao longo dos tempos, para a forma como as crianças são interpretadas pela sociedade, desde a criação de uma ideia de infância, entendendo as necessidades deste momento da vida, diferentemente

da ideia anterior que entendia a criança como um miniadulto. Posteriormente, debatem-se as funções da literatura, tanto para ensinar um conteúdo moralizante, quanto para estabelecer relações de fruição, passando a destacar teóricos que investigam os efeitos da *escolarização da literatura*, enfocando os livros didáticos.

1.1 A infância brasileira e as origens da Literatura Infantil

No passado, a criança não era vista, ouvida e percebida. Não existia um espaço para a infância e os pequenos permaneciam imersos nas práticas sociais típicas do “universo adulto”. A partir do século XIX, começa a nascer um ideal de infância como esperança para o futuro. A criança alcança um espaço de centralidade, face a conscientização sobre a necessidade de protegê-la do mundo adulto, mantendo sua inocência. Logo, começa a ser desenvolvida uma literatura voltada ao público infantil. Inicialmente, essa literatura é utilizada, predominantemente, com ideais moralizantes, objetivando a transmissão de valores, bons modos e comportamentos que deveriam ser seguidos pelas crianças. Em relação ao papel da escola, Silva (2015, p. 16) afirma:

Caberia à escola transmitir para a criança valores e normas da sociedade com a finalidade de instruir e de formar o homem do amanhã. Assim, ela seria o espaço que as famílias confiavam para a educação e desenvolvimento dos pequenos, transformando-os em sujeitos ou futuros cidadãos.

Outrossim, é notório salientar que no século XIX, as obras que alcançavam notoriedade na Europa eram traduzidas para o Português e utilizadas como livros didáticos, a fim de ditarem normas, condutas tradicionalistas e impositivas para os então *infantes*³. Desta maneira, ainda que a criança começasse a ser percebida de uma maneira diferente, muitas problemáticas ainda se colocavam em evidência, como o trabalho infantil e a marginalização. Assim sendo, ao reconhecer a história nacional, é possível perceber as nuances que permeavam e ainda

³ É da palavra grega *infante* que deriva o que conhecemos hoje como infância. Sua etimologia está relacionada à incapacidade temporal de falar.

permeiam a infância no país. No Brasil, vários tipos de infâncias foram sendo encontradas no decorrer da história até os dias atuais. A literatura também andou lado a lado com essas transformações, já que ela está intrinsecamente relacionada com a expressão do ser humano, dado o momento histórico-cultural em que ele está inserido.

1.2 Escolarização da Literatura Infantil, Leitor-Literário e Escola

A literatura e a instituição ‘escola’ caminharam em conjunto, principalmente com o surgimento de uma literatura voltada para crianças. A literatura foi inevitavelmente escolarizada pela escola dentro das suas atribuições. Assim, dada a interligação entre ambas, a escola foi uma das responsáveis por difundir as obras de autores que escreviam para crianças. No final do século XIX, textos em verso e prosa eram utilizados como livros de leitura no ambiente escolar e foram parte das atividades propostas nas salas de aula, inicialmente utilizados para fins de ortografia e gramática.

A professora e pesquisadora Magda Soares (2011) em seu texto “A escolarização da literatura infantil e juvenil”, discorre sobre a inevitável escolarização da literatura no meio escolar. A autora explica que os ideais contrários a essa escolarização não são favoráveis, porque podem se colocar como uma forma de negação da escola e dos processos educativos que fazem parte de sua natureza. Contrapondo-se a essa visão, sobre a escolarização da literatura, Soares (2011, p. 5) indica:

[...] Não há como evitar que a literatura, qualquer literatura, não só a literatura infantil e juvenil, ao se tornar “saber escolar”, se escolarize, e não se pode atribuir, em tese, como dito anteriormente, conotação pejorativa a essa escolarização, inevitável e necessária; não se pode criticá-la, ou negá-la, porque isso significaria negar a própria escola.

Conforme o fragmento acima, é inevitável que a literatura se torne “escolarizada”. Na escola, sempre ocorre algum tipo de avaliação sobre as obras literárias e os textos poéticos que ali são trabalhados, já que é da natureza da escola avaliar. Neste âmbito, o aluno-leitor encontra diferenças entre uma espécie de “leitura escolar” e uma outra forma de ler textos literários, diferente daquela preconizada pela escola. Certamente, ambas precisam ser significativas e

fomentadoras do ser sujeito no mundo, sem serem, necessariamente, negadas e inferiorizadas. Sobre tal perspectiva, a autora afirma:

[...] o que se pode criticar, o que se deve negar não é a escolarização da literatura, mas a inadequada, a errônea, a imprópria escolarização da literatura, que se traduz em sua deturpação, falsificação, distorção, como resultado de uma pedagogização ou uma didatização mal compreendidas que, ao transformar o literário em escolar, desfigura-o, desvirtua-o, falseia-o (SOARES, 2011, p. 6).

Por conseguinte, segundo Soares (1999), há formas inapropriadas e apropriadas, por meio das quais a literatura é trabalhada na escola. Ao analisar livros didáticos do Ensino Fundamental I, Soares (1999) evidenciou que as formas inapropriadas estavam extremamente presentes, desde o não reconhecimento da autoria, a fragmentação de textos narrativos e de poemas, a utilização de pseudotextos⁴, a descaracterização, a distorção, a alteração de sentidos e até mesmo o papel secundário que era direcionado aos poemas.

Decerto, os estímulos direcionados para a leitura no ambiente escolar implicam na efetivação do leitor-literário. Cabe a escola contemporânea manifestar que a literatura, principalmente os poemas não são ultrapassados, prevalecendo sua força artística. Entre telas e mudanças tecnológicas, um dos desafios da escola é despertar o gosto do aluno pela leitura, tornando-o um leitor, mostrando que a literatura não é obsoleta frente às crescentes mudanças econômicas e sociais, como por exemplo o advento da tecnologia e a necessidade da produção exacerbada, fruto do avanço do capitalismo e globalização.

Pode-se destacar que a literatura estimula a capacidade de fantasiar e auxilia no movimentar das asas da imaginação. Para as crianças, as atividades que enfocam a literatura podem ser extremamente lúdicas e benéficas. Por isso, torna-se uma experiência prazerosa, de encontros, sentimentos, vivências, experiências, alegrias e angústias, fatores estes que fazem parte da vida humana. Por estar recheada desses sentimentos e expressões, a literatura propicia subsídios para a construção da criticidade, autonomia, expressão e personalidade. Porém, para que, de fato, aconteça, o fator repetitivo, conteudista e arcaico não pode perpetuar sobre as práticas de formação de leitores- literários. Zilberman (1994, p. 22) afirma que:

⁴ Os pseudotextos podem ser entendidos como textos sem articulação, cujas frases, quando unidas, não formam um todocoerente (SOARES, 1999).

A literatura sintetiza, por meio dos recursos da ficção, uma realidade, que tem amplos pontos de contato com o que o leitor vive cotidianamente. Assim, por mais exacerbada que seja a fantasia do escritor ou mais distanciadas e diferentes as circunstâncias de espaço e tempo dentro das quais uma obra é concebida, o sintoma de sua sobrevivência é o fato de que ela continua a se comunicar com o destinatário atual, porque ainda fala de seu mundo, com suas dificuldades e soluções, ajudando-o, pois, a conhecê-lo melhor.

Destarte, a literatura, com eixo nos poemas, esmiúça a vida, propiciando reflexões sobre o que é ser humano, seus sentimentos, medos, alegrias, tristezas e sonhos, que se correlacionam nos contextos sócio-históricos em que o poeta criou, face aos significados produzidos pelo leitor. Promove sentidos, significações e, ao mesmo tempo, o rompimento com as certezas. É o deleite, o encontro, a descoberta e a expressão.

1.3 A Literatura e a possibilidade de humanização

Como expressão do sentimento de ser humano, em um dado momento histórico e cultural, a literatura tem uma notória capacidade de humanizar, quando se faz presente na vida do leitor. Ao ser proporcionada, pode se tornar um instrumento fomentador da construção do respeito pelo que é diferente e distante, da percepção de si e do outro, dos contrastes da vida em sociedade, da relação homem/natureza, dentre outros efeitos.

O filósofo Nietzsche (2014) acreditava que a arte deveria ser produzida sem um objetivo específico. Com efeito, a literatura, como uma das variadas formas de arte, necessita, em larga escala, do ócio. Comportamento este que vai no caminho contrário ao mundo capitalista, que estimula, sobretudo, a crescente produtividade, determinando fins engessados, sem a possibilidade de liberdade de criação. A arte é, antes de tudo, uma experiência com o belo. Dias (2015, p. 239, *itálico das autoras*) em relação a visão do filósofo sobre a arte declara:

O segundo volume de *Humano, demasiado humano* é, assim, porta-voz de um deslocamento do centro de gravidade da filosofia de Nietzsche sobre a arte - a passagem da reflexão sobre as obras de arte para uma reflexão bem particular: a vida mesma considerada como arte. E, desse modo, Nietzsche diminui ainda mais a separação entre arte e vida, torna-a determinante na construção de belas possibilidades de vida.

Em contextualização, o filósofo entendia que a arte deveria gerar satisfação, e, ainda, firmava-se na necessidade de experimentação. Nietzsche (2014, p. 150) declarava que: “A arte deve antes de tudo e em primeiro lugar embelezar a vida, portanto fazer com que nós próprios nos tornemos suportáveis e, se possível, agradáveis uns aos outros”. Assim acontece na literatura. Ao experimentar o deleite do texto poético, a criança está experimentando a vida, em diferentes contextos, situações, culturas e épocas. Desta forma, é possível viver outras experiências a cada nova leitura de um poema. Ela descobre realidades em comum com o contexto social dos estudantes, gerando compreensão, identificação e respeito às diferenças.

Outrossim, Candido (2011) definiu a literatura como um espaço amplo, que vai do simples ao erudito. Esta configura-se como uma necessidade humana, algo que precisa ser saciado, sob a pena comprometer o desenvolvimento integral do sujeito. O autor discursa sobre o notório papel que a literatura pode desenvolver em humanizar. Ainda, correlaciona essa articulação entre a literatura e os sonhos:

Assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura. Deste modo, ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente (CANDIDO, 2011, p. 177).

Para Candido, a literatura pode ser encontrada em uma canção, um conto popular ou até em um poema rebuscado e metrificado. Por isso, ela é ampla e seu potencial de humanização se encontra também nessa diversidade. Assim, a literatura é entendida por Candido (2011) como uma necessidade que precisa ser saciada e apresentada para todos os indivíduos e não somente para os que se encontram em classes mais favorecidas.

1.4 A utilização de poemas nos Livros Didáticos

Os livros didáticos são recursos pedagógicos presentes no cotidiano escolar há décadas. Eles passaram e ainda passam por inúmeras transformações. Ao analisar a presença de poemas nos livros didáticos da educação básica, Soares (2011, p. 10) afirma: “cabe aqui apontar o tratamento que neles é dado à poesia, quase sempre descaracterizada: ou se insiste apenas em

seus aspectos formais — conceito de estrofe, verso, rima, ou, o que é mais frequente, se usa o poema para fins ortográficos ou gramaticais”.

Certamente, naquela época os poemas apresentados nos livros didáticos ocupavam um papel secundário, ora para fins gramaticais e ora para fins ortográficos. Seu espaço era negado e reduzido. Os autores quase sempre seguiam os interesses do mercado editorial. Muitos escritores e editores de livros tornavam-se “poetas”, dada a crescente necessidade de materiais didáticos. Atualmente, essa situação ainda pode ser encontrada nos livros didáticos, mas, de forma velada. Como Alves (2012, p. 19) discorre:

É comum encontrarmos, em livros didáticos, nas fases iniciais, principalmente, poemas que sugerem em suas entrelinhas e, às vezes, até explicitamente, a ideia central do texto ou o que o texto nos quis dizer, descaracterizando, assim, a subjetividade do texto poético e utilizando-o meramente aos pressupostos da pedagogia.

Todavia, não é possível negar que, com o passar dos anos, ocorreram rompimentos com esse tipo de uso dos poemas nos materiais didáticos. Uma poesia lúdica, que possibilita a imaginação e o encontro consigo e com o outro, alcançou maior espaço no cenário brasileiro. A dança pelas palavras recebeu universos e a poesia voltada para crianças deixa de lado certos aspectos moralizantes e passa a ter um gostinho de infância. De fato, é preciso perceber se a poesia infantil é apresentada com seu devido valor e importância, ou se ainda é apresentada com caráter secundário, usada para fins pré-determinados, para servir a outros propósitos. Neste quesito, Alves (2012, p. 50) ainda declara:

O livro didático, como um suporte, tem a possibilidade de levar o leitor a ter mais contato com o viés poético, de despertar a sensibilidade e a interação, junto à poesia, principalmente se o livro não trouxer, como em alguns casos, fragmentos dos poemas, sem menção ao autor e a obra na qual estão inseridos, dificultando assim a compreensão do leitor, com a supressão de informações.

Assim, a secundarização e a deturpação do texto poético é prejudicial, sob a pena de comprometer a grandeza de significados que o poema pode proporcionar. Em especial, para as crianças, pois o leitor está em construção. Na próxima seção, apresentamos a metodologia que norteou este estudo.

2 Metodologia

Primeiramente, é notório classificar que a presente pesquisa tem cunho descritivo, de natureza básica. Por conseguinte, ela tem como foco gerar a descrição de um conteúdo que já foi pesquisado e analisado, mas que ainda cabe trazer reflexões acerca da temática. De acordo com Fonseca (2002), a pesquisa possibilita a aproximação e o entendimento da realidade a investigar, como um processo permanentemente inacabado. Ela se processa nas aproximações sucessivas da realidade, fornecendo subsídios para uma intervenção no real. Por conseguinte, foram utilizados como norte conteúdos bibliográficos encontrados no manual do professor, artigos, revistas, vídeos e em *websites*, além da análise de um livro didático do 4º dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental I. Isto é, as técnicas utilizadas foram a leitura e compreensão dos conteúdos bibliográficos utilizados na fundamentação teórica e na análise do material. Ainda, a abordagem utilizada para refletir sobre os dados coletados é a qualitativa. Esta abordagem fornece espaço à subjetividade e interpretação dos conteúdos analisados, dando então foco para as particularidades que a temática carrega.

Foi realizada uma revisão bibliográfica de trabalhos produzidos pelos autores e pesquisadores escolhidos como base teórica. Tais conteúdos se formularam como um eixo da pesquisa, como forma de compreender e refletir acerca da temática do artigo. Posteriormente, ocorreu o levantamento do número de poetas e poemas encontrados no livro didático, com base em uma contagem, conforme mostra o quadro 01 a seguir:

Quadro 1: Demonstrativo de poetas encontrados vs poemas encontrados

Quantidade de poetas nas quatro unidades	Quantidade de poemas nas quatro unidades
10 (incluindo os autores de uma música)	7 (incluindo música "O sol e a Lua")

Fonte: Elaborado pelas autoras

Logo após, foi realizada a análise de um livro didático do 4º ano do Ensino Fundamental I de uma escola Estadual de Minas Gerais, além da leitura do manual do professor destinado ao livro. A análise se mostrou importante para contextualizar o referencial teórico abordado e para compreender se as problemáticas lidas se inserem ou não no recurso didático-pedagógico. Por fim, cabe inteirar que a obra analisada faz parte de uma coletânea de cinco livros. Escolheu-se analisar todo o livro, que contém quatro unidades. As questões que nortearam a análise foram: *Há poemas no livro? As atividades contemplam as dimensões da poesia em sua totalidade ou*

apenas servem a um papel secundário? Para que fins os poemas aparecem? Há elementos como a referência do autor e da autoria da ilustração?

3 Análise do Livro Didático: informações iniciais

Apresentam-se nesta seção os subsídios utilizados nesta investigação. Buscou-se observar as informações iniciais contidas no material didático. Ele é intitulado “VEM VOAR”, foi produzido de forma coletiva e organizado pela editora Scipione. Possui 288 páginas. A obra é atualizada conforme a BNCC e o volume é direcionado para o 4º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. A vida útil do livro está prevista entre os anos 2019 até 2022. A obra passou pela avaliação do Ministério da Educação, do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação e integra o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD). É um livro consumível. O material contém um extenso conjunto de colaboradores que são mencionados nas primeiras páginas. Uma das propostas tem o título de “BELAS PALAVRAS” que assegura que o aluno irá conhecer diferentes tipos de textos em prosa e em poesia, que poderão ampliar sua visão de mundo. A obra possui quatro unidades, cada uma delas possui dois capítulos.

Desenrolou-se o momento de observação do sumário. Na ementa da unidade 1, foi possível encontrar um poema do poeta e crítico literário José Paulo Paes intitulado “Dicas de viagem”. Além da presença de um conto do poeta Carlos Drummond de Andrade. No sumário da unidade 2, foi identificado um poema do poeta Ricardo Silvestrin, com título: “A invenção da canção”. Também há um conto e histórias em quadrinhos. No sumário da unidade 3, foi encontrado o cordel “Ditados populares” do poeta e escritor César Obeid, além de contos e um mito. Por fim, na unidade 4, não foi possível identificar poemas, mas há presença de texto teatral, contos e crônicas, além de histórias em quadrinhos.

3.1 Considerações sobre o Manual do Professor

Ao verificar o manual do professor direcionado ao livro didático, analisado, percebe-se que ele espera a interação dos alunos entre si e com o conhecimento, atentando-se às questões contemporâneas. Logo, atribui o estudo da língua em correlação com as situações do cotidiano. Centra-se em concepções que marcam a importância do letramento e na aprendizagem

significativa. O manual sintetiza que o aluno precisa vivenciar o contato com diversos gêneros textuais para que possa se engajar em diferentes práticas sociais. Como faz parte de uma coletânea que contém cinco volumes, algumas considerações na publicação são coletivas. Depreende-se que em correlação com a BNCC e com as novas maneiras de enxergar o papel da educação, ele pressupõe que é preciso que os conteúdos trabalhados auxiliem o aluno na percepção de si e de como ser humano no mundo, além da preparação para o futuro mercado de trabalho. Assim, o manual discorre:

Se entendermos que a aquisição do sistema linguístico não é uma tarefa que tem seu início exclusivamente na escola, mas sim na vida social, podemos afirmar que não se trata de um conjunto de atividades mecânicas que vai dar conta de formar o aluno. Nesta coleção, as atividades relacionadas à alfabetização letrada foram pensadas para garantir que o aluno domine um bom conhecimento teórico e prático da língua portuguesa que lhe dê suporte para dar continuidade de modo cada vez mais autônomo ao processo de letramento que deverá se estender por toda a sua vida, dentro e fora da escola (SILVESTRE, 2019, p. 9).

Adentrando mais no manual, destaca-se uma área intitulada *A formação do leitor literário*, que muito aqui se relaciona com as reflexões realizadas na base teórica. Os autores citam o livro *Letramento literário: teoria e prática* de Rildo Cosson (2012), obra que serviu como base para gerar reflexões sobre a literatura e o letramento literário. Ainda, citam Antônio Candido (2011), também citados no referencial teórico que embasa as considerações desta pesquisa. Compreende-se que o livro está ancorado na visão de uma literatura que pode humanizar, como um direito do ser humano. O manual ainda enfatiza:

Um dos pontos centrais da formação de sujeitos leitores é, portanto, o trabalho que é realizado na escola. Para a maioria dos alunos, é na escola que se dará a única experiência contínua de contato com obras literárias de qualidade. Ao professor, que também deve se formar como leitor, cabe o papel de ajudar os alunos a tornarem-se sujeitos de suas escolhas. O ato de ler, particularmente nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, deve ser planejado como uma atividade em que os alunos não apenas aprendam a responder a questões que exijam a localização de informações para, por exemplo, compreender o enredo de uma narrativa ou que identifiquem as características de uma personagem. O texto literário, por possuir várias camadas de significação, deve ser investigado pelos alunos. Cabe ao professor ajudar os alunos a “abrir” o texto, mediando a construção de sentidos que estimulem a imaginação e a sensibilidade das crianças (SILVESTRE, 2019, p.41).

Há no manual uma visão ampla empregada à literatura e ao ato de ler, que se relaciona com o mundo em que o aluno está inserido e as significações que ele carrega acerca do mesmo. Ao propor um clube de leitores, a obra aborda como seria o trabalho de ser um leitor na prática, com todos os seus atributos. Porém, visto que os livros didáticos não tendem a ser seguidos à risca e que funcionam como um suporte, a efetivação do mesmo, uma ação como essa, só aconteceria caso houvesse uma mobilização dos professores, da escola, da equipe da biblioteca e dos pais, como uma coletividade que teria como foco criar pontes para auxiliar no desenvolvimento de leitores literários.

3.2 Análise descritiva das unidades

A unidade 1 é intitulada: “Um mundo sem fronteiras”. Sua introdução acontece com a pintura “Colina Garrowby” de David Hockney. No capítulo 1, a primeira referência sobre poesia está na página 25, em um roteiro turístico da cidade de Porto Alegre, em que há a citação da casa de cultura Mario Quintana. No trecho, é salientado que no lugar existe uma reprodução do quarto do poeta. Contudo, a descrição é apresentada superficialmente, sem trazer algum poema dele ou algum fato que descreva sua poesia. Não há como afirmar que o aluno sabe quem foi Mário Quintana ou se conhece algum poema de sua autoria. Porém, no manual do educador, há incentivos para que o professor forneça informações sobre este e outros poetas.

Nas próximas páginas, as atividades que sucedem foram dispostas em várias páginas e são, em maioria, baseadas em um roteiro que sistematiza as informações sobre a atividade, a ortografia, a gramática, apresentação de questões de “verdadeiro ou falso” e algumas relacionadas aos interesses pessoais dos alunos. Na lauda 27, foi descrita uma proposta em que o estudante deve ligar as imagens das personalidades citadas no conteúdo com uma modesta biografia que descreve cada um deles. Após, existe o estímulo da pintura dos quadros em relação a ligação que cada figura tem com a cidade de Porto Alegre. Há outra pergunta que questiona ao aluno se o fato de o turista conhecer personalidades daquela região gerará maior interesse por parte dele em conhecer a cidade. Um ponto interessante é que, no manual, a orientação é que o professor solicite aos alunos que façam uma pesquisa acerca dos nomes

citados, além de compartilharem de forma oral o que descobriram. O material ainda orienta que o foco seja o poeta Mário Quintana e em seus poemas voltados para crianças.

Na página 40, no enunciado de uma proposta de leitura, o material faz alusão ao mundo da imaginação e da fantasia, com o conto “Rick e a girafa” de Carlos Drummond de Andrade. O que aparece na página, na verdade, é um recorte do livro do poeta. Como afirmava Soares (1999), não há como transpor o livro original para o didático sem modificar algo. Então, sempre acontecerão modificações, mas que não devem retirar o sentido e a capacidade significativa da obra. No manual do professor, as orientações se debruçam sobre a construção do leitor-literário. No livro, há uma biografia descritiva sobre o poeta, com imagens e um pouco mais sobre a obra, o que são pontos considerados favoráveis. As atividades posteriores são atrativas, colocam os alunos como protagonistas do processo de ensino-aprendizagem, com uma proposta de contação da história e a criação de um conto que tem a imaginação infantil como tema, mas que também pode ser sobre outra temática, visto que o foco da criação está centrado em despertar no aluno o gosto em escrever produções textuais. Também há explicações sobre as finalidades de um conto, caracterizando o gênero textual.

No decorrer das laudas seguintes, há trecho de livro, conto, relato de viagem, incentivo à escrita, além do trabalho com os gêneros digitais, mas não há, propriamente, atividades que busquem o desenvolvimento de poemas. Na lauda 72, o campo “Um pouco mais de literatura” aparece com a proposta de textos ficcionais que despertam o gosto pela leitura. Foi encontrada, na página 75, a exposição do poema “Dicas de viagem” do poeta José Paulo Paes (ver figura 1). Esse poema foi retirado da obra do autor intitulada “Um passarinho me contou”. O livro original contém 16 poemas, onde o poeta conta histórias, faz piada e brinca com a imaginação das crianças, ou seja, há a presença de ludicidade.

A ilustração utilizada faz parte do arquivo da editora e foi composta por Lúcia Brandão, esses elementos não compõem a obra original. Nas notas do manual, é indicado que o professor discorra sobre o poeta. Ainda, quando se trata de uma das únicas habilidades proposta pela BNCC em relação aos poemas no 4º ano dos Anos Iniciais (*EF04LP26 - Observar, em poemas concretos, o formato, a distribuição e a diagramação das letras do texto na página.*), é preciso destacar que a utilização do poema focou na análise da cadência. Cabe frisar que, uma atividade complementar foi indicada: a leitura do poema “Convite” do poeta. Subsequente, acontece o incentivo para que os alunos sigam a brincadeira com as palavras, dando continuidade ao

poema. Entretanto, como se trata de sugestões, não é possível afirmar com certeza se o professor irá apropriar-se delas em sua prática docente, ou não.

Nesta unidade, você leu vários textos que tratam de viagens, como os anúncios publicitários, o roteiro de viagem, o relato de viagem. Todos eles dão dicas importantes para quem pretende viajar. E este poema de José Paulo Paes, que dicas importantes de viagem será que ele tem para nos dar?

Dicas de viagem

Se você for para a Índia
Não se esqueça de comprar
Uma passagem de Índia e volta.

Se for para o Canadá
Nem pensa em beber garapa:
No Canadá nem cana dá.

Se for para o Equador
Nunca peça café-expresso:
Lá só tem café de coador.

E se for para o Peru
Não espere que lhe respondam
Quando gritar "glu glu glu!"



Um passarinho me contou, de José Paulo Paes. 6. ed. São Paulo: Atica, 2017.

- **Ler é um prazer!**
 - Você gostou dos textos que leu?
 - Que tal pesquisar outros textos que possibilitem a você viajar na imaginação?
 - Combine com o professor e os colegas um momento para buscar novos textos na biblioteca da escola, no canto de leitura da sala ou mesmo na internet.
 - Apresente os textos que descobriu aos colegas e familiares!

Figura 1: Poema e indicações propostas didáticas Fonte: Reproduzido de: Silvestre (2019, p. 75)

No poema, o poeta utiliza o jogo de sentidos e a fantasia poética, aguçando e proporcionando a descoberta de novos e possíveis sentidos para os conhecimentos empíricos que a criança já carrega consigo. José Paulo Paes é conhecido por acreditar que a brincadeira pode estar presente no poema. Seus versos estão próximos do *ser criança* e da *infância*. O autor mostra o mundo por uma outra visão, das palavras e da imaginação. Com os poemas, ele dança pela realidade e mostra à criança que é possível se divertir e explorar novas possibilidades neste processo. Em relação ao material didático, trazê-lo foi um ponto muito favorável. A opinião do aluno é questionada, são propostas buscas de outros textos na biblioteca, no canto de leitura ou na internet, além da apresentação dos textos para os colegas e os familiares. Entretanto, as atividades da obra não enfocam o poema, mas sim, outro texto.

Nas páginas 76 e 77, há a indicação de sete livros com temáticas e contextos diversos, visto que propor a literatura é essencial. Mas não há a indicação de um livro de poemas

específico entre os escolhidos. Desta forma, a poesia aparenta ocupar um papel escondido e vetado, sem receber a importância necessária. Ainda, na página 79, há o campo “Rever ideias”, em que o aluno deve pintar o que mais gostou de ler e conhecer no livro. O poema apresentado acima não foi apresentado como uma opção, somente os outros gêneros textuais.

Cabe destacar que na unidade 2 intitulada: “No mundo da música”, na página 90, há a proposta de uma entrevista de forma coletiva que pode ser realizada com pessoas do mundo artístico, literário, musical, dentre outros. Essa atividade pode figurar como uma ponte para conhecer, caso escolhido, poetas da região em que o aluno vive e as suas inspirações, formas de observar a vida, ou o mundo. As páginas seguintes se desdobram sobre a entrevista.

Na página 112, é exposto o poema “A invenção da canção” do poeta, escritor e músico Ricardo Silvestrin. O poema cria um enredo muito engraçado, em uma história para a invenção da canção. Faz parte da obra do autor “É tudo invenção” com ilustrações de Luiz Maia. A ilustração utilizada no material didático é do acervo da editora. Interessante é que logo após o poema, há uma biografia do autor, com a capa do livro original em que se encontra, e o número de poemas presentes, mesmo que aparentemente de forma vaga. Esse é um ponto marcante, já que nos livros didáticos das décadas passadas, a não citação do autor era uma queixa frequente, conforme nos mostra Soares (2011). Ademais, no material analisado, é indicado que o educador destaque o poder da poesia e da arte em geral em reinventar e recriar a vida.

Na página 114, no campo intitulado “Conversando sobre o Texto”, as atividades são específicas sobre o poema, o que até agora não havia acontecido diretamente. A primeira questão é clássica e rodeia a escolarização da literatura: “Qual parte você mais gostou?”. Na segunda questão há a presença de exercício sobre semântica. O que mais chama atenção é a questão de número três, na qual uma proposta é realizada: “vivenciar a declamação do poema, apresentando em dupla para os colegas da sala” (SILVESTRE, 2019, p. 114). Esta é considerada como uma prática favorável no ambiente escolar, visto que pode trazer o poema para perto dos alunos, que darão vida às palavras, encenando e colocando suas expressões em correlação.

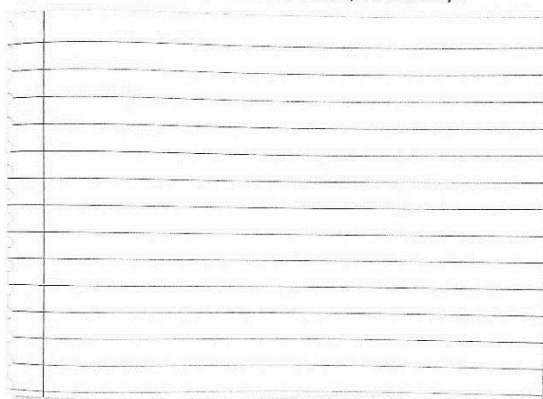
A próxima proposta presente na página 118 é ainda mais notória. Os autores propõem a escrita de um poema, em que os estudantes devem explicar a origem de algo (de forma livre). Um ponto positivo é que o livro traz uma definição de poema, que salienta que na poesia é possível brincar com palavras, que versos podem ou não formar estrofes, discorrendo sobre a existência da rima entre os versos, mas salientando a não obrigatoriedade dessas características.

Tal afirmação pode corroborar com o movimento contemporâneo de poesia, em que os poemas podem ser escritos com liberdade poética, sem as regras de metrficação e escansão. Os versos livres se configuram como uma possibilidade de a escrita de poemas estar ao alcance de mais indivíduos, os que dominam plenamente as regras da língua portuguesa e os que não possuem tanto domínio assim. Os versos heterométricos quebram com a ideia de que somente quem domina formas é o poeta, rompendo com padrões clássicos e tradicionais.

ANOTAÇÕES DO ESCRITOR

■ Agora, é a sua vez de imaginar como alguma coisa surgiu ou foi inventada. Que tal explicar a origem de algo na forma de versos rimados e engraçados, como fez o poeta Ricardo Silvestrin?

Escolha sobre o que vai escrever e anote tudo o que vier à cabeça.



Depois, com base em suas anotações, escreva um poema sobre essa invenção. Mas, antes, lembre-se das características desses textos:

Poema

- Qual é a intenção? Expressar sentimentos e ideias ou brincar com palavras.
- Como é construído? Por meio de versos, que podem ou não formar estrofes. Em geral há rima entre os versos, mas não é obrigatória.
- Como é a linguagem? As palavras precisam ser muito bem escolhidas, levando-se em conta o que se deseja expressar.

Figura 2: Proposta de escrita de um poema Fonte: Silvestre (2019, p. 118)

Ao trazer a abordagem de possibilidades mais amplas para os alunos, o material proporcionou que a poesia pudesse ser vista como algo próximo da criança que realizou as atividades. Em sequência, há a letra da música “O sol e a Lua”, de Antônio Pinto e Taciana Barros, nas páginas 116 e 117. A estrutura em verso e a musicalidade das canções em muito se relacionam com os poemas. A canção em especial, é tratada em correlação com o gênero poema nas atividades que surgem nas próximas páginas, entre 119 e 123. As tarefas que sucedem tratam de questões de interpretação, resumos, comparação, além de contemplarem as estruturas dos versos, solicitando que os alunos realizem a contagem das estrofes e quantidade dos versos.

A questão número três trata especificamente sobre versos. A questão quatro trata sobre termos apresentados na canção.

Ainda, a atividade cinco trata sobre a rima. A alternativa “a” pede para pintar as rimas, “b” questiona o motivo pelo qual dois versos específicos combinam. A letra “C” tem como finalidade fazer com que o aluno perceba a recorrência de sons de modo sistemático, produzidos pelas rimas no texto, denotando sua intencionalidade. A questão seis versa sobre grupos de rimas. É preciso que o aluno sublinhe no texto quais são as repetições, discorrendo sobre a função do refrão.

As próximas atividades, ainda em relação à composição, trabalham o sentido literal e o figurado. Acontece também a abordagem das vivências do aluno, questionado se conhece outros sentidos possíveis. Nas páginas 124 e 125, os exercícios são sobre verbetes. Posteriormente, realizam também uma proposta de criação de um debate sobre gostos musicais. Ao finalizar, apresentam histórias em quadrinhos, lendas gregas clássicas, destacando que ali era comum a existência de poetas que declamavam com um instrumento, além da presença de contos africanos e proposta de desenvolvimento de histórias em quadrinhos. Ao final, uma nota é apresentada sobre como a literatura é diversa, além do estímulo da ida até a biblioteca com os colegas.

As contextualizações se mostram pertinentes, remetem a construção de um sujeito que se encontra e que percebe o mundo ao seu redor, uma vez que incentivam o contato em grupo e novas possibilidades de leitura, além de apresentar a literatura como algo diverso, de variados mundos e significações, como apresenta Candido (2011, p. 176):

Vista deste modo a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possam viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabuloso. O sonho assegura durante o sono a presença indispensável desse universo, independentemente da nossa vontade. E durante a vigília a criação ficcional ou poética, que é a mola da literatura em todos os seus níveis e modalidades, está presente em cada um de nós, analfabeto ou erudito – como anedota, caso, história em quadrinho, noticiário policial, canção popular, moda de viola, samba carnavalesco. Ela se manifesta desde o devaneio amoroso ou econômico no ônibus até a atenção fixada na novela de televisão ou na leitura corrida de um romance.

Ademais, ao final da presente unidade, há a indicação de leitura de seis livros, juntamente à reprodução de um CD do Toquinho e convidados. Os livros possuem temáticas sobre música e até Mozart aparece. Todavia, não há citação a um livro específico sobre poemas.

A unidade 3 tem como nome: “Cultura Popular”. Inicialmente, na página 170, há um exercício sobre pronomes, texto verbal e não verbal, que trabalha com dois poemas visuais. São de Tchello d’Barros, poeta e artista plástico catarinense. A temática de ambos se centra em uma declaração de amor. O primeiro tem a forma do pronome “tu”, mas há nele as letras “e, u”, aguçando também a percepção do sentido de “eu”. No segundo, a forma gera o pronome “eu”, mas as letras que são usadas para constituí-la são as letras “t, u” gerando também um sentido de tu. Ao final, formam a palavra “teu”.

6 Agora, observe e leia estes dois poemas visuais.

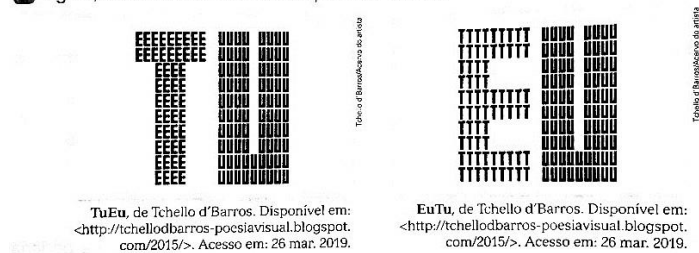


Figura 4: Poemas visuais Fonte: Silvestre (2019, p. 170)

Neste contexto, os exercícios trabalham com poema visual, que se configura como um recurso de variadas perspectivas. Todavia, foram predominantemente utilizados para servir em finalidades estabelecidas. Não se pode negar que na alternativa “f” da imagem a seguir, é solicitado que o aluno descubra novas significações para os poemas. Soares (2011, p. 26) explicitou que, “na grande maioria dos livros didáticos, destinados às quatro primeiras séries do primeiro grau, há uma nítida predominância dos textos narrativos e poemas, embora estes ocupem, quase sempre, papel secundário e subsidiário”.

- a) Que letras foram empregadas nos poemas **TuEu** e **EuTu**?
- b) O que você observa na formação da letra **T**, no primeiro poema?
- c) E o que você observa na formação da letra **E**, no segundo poema?
- d) Juntando as letras que formam as palavras dos dois poemas surge outra palavra. Que palavra é essa?
- e) Complete as frases a seguir com as opções do quadro abaixo.
- | | | | |
|--|----|---|----|
| pronome pessoal da 1ª pessoa
com quem se fala | tu | pronome pessoal da 2ª pessoa
quem fala | eu |
|--|----|---|----|
- A palavra _____ é um _____ e indica _____.
 - A palavra _____ é um _____ e indica _____.
- f) Considerando a formação das letras desses poemas e o fato de serem poemas complementares e constituídos por pronomes que indicam quem fala e com quem se fala, você acha que podemos interpretar esses poemas como uma declaração de amor? Explique.

Figura 5: Atividades propostas sobre os poemas visuais Fonte: Silvestre (2019, p. 176)

Nas laudas 176 e 177, verifica-se o estímulo para uma reescrita de um conto de origem africana, onde os alunos devem realizar uma leitura expressiva para os outros colegas. Na página 178, é narrado um mito Amazônico, chamado de “O sol e a Lua”. Nas atividades referentes a ele, há uma questão sobre poemas visuais. Vale ressaltar que o *link* da página virtual em que os poemas foram retirados, é citado. Contudo, não aparece explicitamente no material didático quem foi o poeta que realizou a criação.

5 Agora, observe e leia este poema visual para responder às questões.

Disponível em: <<https://zunai.com.br/post/106405183023/perisc%C3%B3pio-3>>. Acesso em: 8 nov. 2019.

a) Você deve ter notado que temos dificuldade para saber onde começa e onde termina a frase que constitui esse poema visual. Qual é a causa da dificuldade?

b) Para construir uma frase como essa, em que não se identifica nem o começo e nem o fim, o poema também poderia ser composto em forma de círculo. Se ele tivesse essa forma, os sentidos construídos seriam os mesmos? Por quê?

c) As frases abaixo são possibilidades de escrita do texto desse poema visual. Assinale a frase que você julga adequada e explique o motivo.

O infinito dos seus olhos me faz encontrar o infinito dos seus olhos.

Seus olhos me faz encontrar o infinito dos seus olhos.

Figura 6: Atividades com poemas visuais Fonte: Silvestre (2019, p. 178)

Desta maneira, fica perceptível que as atividades se referem aos poemas visuais. Porém, seria interessante uma orientação que direcionasse a criação de um poema visual. As crianças deixariam de assinalar alternativas e se tornariam protagonistas, construtores de autonomia, sujeitos que expressam sobre si e o mundo, usando a imaginação e a criatividade.

Para contextualizar e trazer mais informações sobre o livro, destaca-se que na página 186, há a indicação de uma pesquisa sobre lendas e mitos indígenas e, posteriormente, um momento de contação. Na 188, é apresentado o conto Europeu “Pedro Malasartes e a sopa de pedra”. É perceptível a existência de momentos diversificados nas histórias apresentadas, em que narrativas nacionais são trabalhadas, juntamente às internacionais, propondo assim, uma diversificação no ensino- aprendizagem dos alunos. Uma das propostas de atividade que sucede chama atenção: a dramatização do conto, além da criação de um novo final da história.

Ao focar mais uma vez na temática analisada e considerando o cordel como uma estrutura em versos, nas páginas 194, 195 e 196, mostra-se o cordel “Ditados populares” de César Obeid, retirado da obra “Minhas rimas de cordel”. Nas primeiras apresentações, o livro didático instiga o aluno a recordar se conhece algum cordel, solicitando que as crianças debatam sobre seus conhecimentos prévios sobre o tema. Além disso, a atividade estimula a análise crítica sobre as falas que fazem parte do cotidiano nacional. O final do poema não aparece no livro.

É notório ressaltar que, novamente, as ilustrações presentes foram realizadas pelo time da editora que organizou o material, configurando-se assim como uma escolha em criar as próprias ilustrações para o material didático. Ainda, como o que foi apresentado é somente um

fragmento, foi retirado o clímax do final, comprometendo assim o significado que a criança construiria sobre o poema, visto que o cordel é a representação da cultura popular, tomada pelo enlace poético. Sobre o cordel, Rocha e Oliveira (2016, p. 1) explicam:

O cordel funciona como divulgador da arte do cotidiano, das tradições populares e dos autores locais, com grande importância para a manutenção da cultura popular nacional, das identidades locais e tradições regionais. É uma poesia marcada pelo cotidiano, pois nasce da experiência de observação da realidade e serve como inspiração para a vida.

Outrossim, é destacável que há a menção do autor, além de uma pequena bibliografia e uma imagem dele. Novamente as ilustrações foram realizadas pelo time da editora. Neste contexto, pensa-se que trocar as ilustrações originais, escolhidas e pensadas pelo autor, em conjunto com o ilustrador, pode ser prejudicial, já que as originais não foram escolhidas no acaso, mas com finalidades e intenções que geram sentidos, percepções e compreensões que o poeta/ilustrador esperava proporcionar ao leitor, mediado pela relação texto/imagem.

Entre as páginas 197 e 201, são apresentadas atividades em relação ao cordel. No manual do professor, acontece que o material recomenda que o educador apresente também o poema “Convite” de José Paulo Paes para gerar novas contextualizações e compreensão para a realização da atividade. As questões tratam de escansão poética, métrica, rimas, interpretação, intertextualidade e expressões idiomáticas, em sua maioria de múltipla escolha. A editora traz uma definição sobre o cordel. Ao ler as indicações referentes às atividades no material do professor, fica perceptível que além das questões da gramática em aspecto geral, também é direcionado para o aluno a percepção do mundo, uma vez que as atividades trazem o significado do cordel para perto dos alunos. Entende-se que a explicitação deste gênero textual às crianças é fundamental, uma vez que muitos deles podem não se situar nos Estados brasileiros⁵ em que o cordel é conhecido e difundido, figurando como uma novidade.

Nas laudas 202 e 203, aparece o poema “Language dos óio” do poeta Patativa do Assaré. Esse poema também é exposto de forma fragmentada. Em sequência, há um exercício que estimula a declamação de cordel, por meio do qual os alunos devem *dar voz* a um cordel, de

⁵ O cordel é considerado uma manifestação literária popular brasileira, muito presente na região Nordeste do país, nos Estados de Pernambuco, Alagoas, Paraíba, Pará, Rio Grande do Norte e Ceará.

livre escolha. Esse momento também pode envolver a reprodução de canções e é seguido por uma autoavaliação. A imagem seguinte (ver figura 7) trata dessa autoavaliação.

Avaliação

Após a declamação do cordel, responda às questões do quadro para avaliar sua apresentação, identificando em que aspectos é possível melhorar e como isso pode ser feito.

	Sim	Não
Usei um tom de voz adequado e pronunciei as palavras com clareza?		
Associei gestos e movimentos à declamação?		
Prestei atenção na apresentação dos colegas?		
Entendi que cada um tem um jeito de falar que deve ser respeitado?		
As declamações foram compreensíveis e puderam ser ouvidas?		

Figura 7. Autoavaliação
Fonte: Silvestre (2019, p. 203)

Nas páginas 206 e 207, é exposto o conto popular “A festa no céu” juntamente com uma bibliografia de Silvana Salerno. Uma parte que desperta a atenção é a iniciativa destinada para os alunos em ler mais contos da autora e compartilhar com os colegas. Nas laudas 216 e 217, uma proposta é intitulada de “Folheto de cordel com jogos e brincadeiras.” Primordialmente, há as instruções que relacionam uma brincadeira com a escrita de um folheto de cordel sobre ela, o que é interessante, visto que acontece a interação entre a metodologia ativa da gamificação⁶ e a literatura.

Para ilustrar a proposta, um trecho do poema “Brincadeiras populares” retirado do livro “Meu cordelzinho de histórias” do poeta Abdias Campos, grande nome da literatura de cordel. Porém, o trecho já inicia e termina com reticências. Logo, há a omissão do início e do final, comprometendo assim, as possíveis significações. As indicações na atividade levam os alunos a tentarem usar: 6 versos em que o 2º, 4º e 6º rimam entre si. Porém, essa aplicação pode ser complexa. Na capa do folheto, os alunos podem criar uma ilustração. Em seguida, acontece novamente uma autoavaliação do processo.

Entre as páginas 218 e 223, aparecem versões escritas por outros autores das histórias apresentadas no decorrer da unidade. Nas páginas 224 e 225, há a indicação de 6 livros, que não são de poemas. Na indicação de um audiolivro, aparece a obra: “Meu cordelzinho de histórias” do poeta Abdias Campos, utilizada nas páginas anteriores. Ao final, o aluno é

⁶ Gamificação é uma metodologia que busca relacionar os jogos com o conteúdo, tornando assim o ensino-aprendizagem mais significativo, além de despertar um maior interesse nos alunos.

questionado sobre as produções que realizou no decorrer da unidade, como a escrita e a declamação de cordéis. As questões versam sobre suas impressões na realização das atividades, bem como sobre as dificuldades encontradas.

Por fim, a unidade 4 tem o título de: “Certo ou errado?”. Nas primeiras páginas, há o conto “A aposta” de Suelly Mendes Brazão. Após a leitura do conto, os alunos são instigados a escreverem uma carta de reclamação. Alguns gêneros textuais como a notícia são mostrados, além do incentivo para a criação de um jornal falado. Há também a leitura de imagens e histórias em quadrinhos, com indicações de autores e livros. É considerável que a unidade trabalha a relação ilustração e texto, além de declamação e criação de uma história em quadrinhos que pode ser estruturada em versos. Ainda, explora textos de divulgação científica e a produção de verbetes de enciclopédia.

Há na página 255 a biografia de Fábio Sombra, autor de uma história em quadrinhos em cordel, exposta nas laudas anteriores. No manual do livro didático, existe a indicação para que o educador explique sobre o gênero textual “repente” e sua estrutura em versos rimados, além da explicitação das histórias em quadrinhos com proximidade ao gênero poema. Na página 268, há a proposta de análise da diferença de um texto teatral em relação a outros (contos, poemas e notícias), além da sugestão de produzirem um texto teatral e a encenação. Na lauda 278, no campo “um pouco mais de literatura”, é apresentado o conto “A mentira” de Luís Fernando Verissimo e, no manual, há a indicação de leitura de crônicas diversas, como as de Cecília Meireles. Na página 182, é exposta a crônica “O troco” de Tatiana Belinky. Além disso, nas páginas 284 e 285 há a indicação de 8 livros para a leitura, mas sem a presença de livros de poesias.

4 Resultados e discussões

Após a análise, algumas discussões se mostram importantes. Ao compreender as habilidades que a BNCC propõe para o 4º ano do Ensino Fundamental I, entende-se que o material didático, desenvolvido conforme o documento, cumpre com os requisitos esperados. Neste âmbito, como o emprego do gênero poema não é o foco do ano correspondente, ele não aparece frequentemente, e, em alguns casos, é timidamente exposto, servindo para atender fins pré-estabelecidos, com papéis secundários. Neste quesito, questionamentos surgem: *será que*

ao priorizar os poemas somente em anos específicos, não há o comprometimento da formação do leitor-literário em se tratando de poesia? Será que ao enfocar fortemente os gêneros que estão mais presentes no cotidiano, os autores dos livros didáticos esquecem de propor ao aluno novas possibilidades?

Posturas reflexivas precisam ser estabelecidas, visto que um documento pode acabar se configurando como limitador, retirando, assim, a possibilidade de um maior aparecimento de poemas no 4º dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, que poderiam auxiliar na compreensão da complexidade do mundo em que o aluno está inserido, além de produzir a percepção de si neste enlace e na construção efetiva do aluno-leitor. Outrossim, com base na movimentação acanhada, é evidente que ao trazer poetas que trabalham com a ludicidade, o livro didático parece caminhar com as visões contemporâneas sobre a educação, demonstrando reflexos sobre como ela deve ser, principalmente, quando falamos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) (BRASIL, 1996). Além disso, ao propor declamações e a “mão na massa” na escrita de um poema, a poesia é trazida para perto, na palma da mão para ser deliciada, explorada e vivenciada na brincadeira.

Algumas questões contêm indicativos que remetem ao auxílio da construção de sujeitos que se percebem e que compreendem o mundo em que estão inseridos. Além do mais, ao esclarecer que o poema pode ou não conter métrica e rimas, a poesia é exposta como um movimento amplo, de rostos, sentimentos e corações diferentes, que dão voz à criação de significados sobre ser humano e estar no mundo. Nesse âmbito, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (BRASIL, 2001, p. 36): “não se formam bons leitores oferecendo materiais empobrecidos, justamente no momento em que as crianças são iniciadas no mundo da escrita. As pessoas aprendem a gostar de ler quando, de alguma forma, a qualidade de suas vidas melhora com a leitura”.

Neste quesito, o material didático se mostrou proveitoso, uma vez que, em um contexto geral, apresentou a literatura de uma forma diversa, fato esse que contribui para a construção do sujeito histórico-social. Contudo, alguns pontos também são questionáveis, como Soares (1999), observa-se que ao transpor os poemas das obras originais para o livro didático, ocorrem modificações. A modificação das ilustrações e a fragmentação de poemas é um exemplo. Sobre isso, algumas questões são plausíveis: *será que a escolha sobre não utilizar as ilustrações originais não prejudicou o jogo de sentidos que poderia ser construído pelo aluno? Será que*

essa escolha não impactou no sentido original que a interação poeta/ilustrador escolheu construir? Será que a fragmentação de um poema não implicaria na retirada da qualidade poética e estética? Será que poderia prejudicar a formação das significações e da sensibilidade sobre o mesmo?

Neste quadro, Alves (2012, p. 105) corrobora ao comentar:

Para o conhecimento da poesia e para a formação dos leitores, “amantes de poesia” e da leitura literária, a abordagem dos poemas deve buscar a apreciação e sensibilização dos leitores, a fruição e vivência, não só a construção de conceitos (rima, estrofe, verso), mas a formação do leitor por completo.

No livro fica visível a escolarização da literatura, onde o prazer em ler deixa de ser o objetivo primeiro da prática e outros aspectos precisam estar presentes, como a avaliação. Cabe evidenciar que, quando falamos especificamente de poemas, em certos momentos, com o uso das reticências por exemplo, foi possível perceber que o início e final foram retirados do livro didático, e em contextos específicos não ocorreu uma citação adequada da autoria.

Depreende-se que, calmamente, a importância da poesia é ressaltada no manual do professor, contudo, como não se trata do foco do 4º ano, não há uma forte presença e a utilização de poemas, ficando a cargo de pressupostos pedagógicos que dependem do professor e dos recursos disponíveis na escola para serem efetivamente empregados. Ressalta-se ainda que no manual destinado ao educador, durante toda sua extensão, existe um discurso que concentra a tentativa de formar no professor uma visão que contemple a importância da literatura e da formação do leitor-literário como um todo. São variadas indicações de leitura, pesquisas e reflexões. Porém, é difícil pensar que todos os educadores brasileiros possuem uma formação que dê conta de tais percepções, além da uma disposição de tempo em que consigam se preparar plenamente para tais leituras e pesquisas.

Pensando assim, para que as práticas propostas em ambos os materiais aconteçam, a ação do professor é fundamental, mas por fatores diversos – como por exemplo: a falta de recursos, de formação continuada e o conhecimento pleno acerca da literatura e da poesia –, a efetivação plena pode ficar comprometida. É inteligível que o livro didático se configura como uma ferramenta, mas a prática do professor é o centro, pois é ele que estabelece a ponte entre os saberes a serem construídos e o aluno. Em conjunto com a BNCC, o material mostra o que

é esperado que se aprenda. Mas é o dia a dia da escola e dos professores que se configura extremamente importante na construção do leitor-literário em relação aos poemas quando se trata do 4º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

5 Considerações finais

*“No aeroporto o menino perguntou:
-E se o avião tropicar num passarinho? O pai ficou torto
e não respondeu.
O menino perguntou de novo:
-E se o avião tropicar num passarinho triste? A mãe teve
ternuras e pensou:
Será que os absurdos não são as maiores virtudes da
poesia?
Será que os despropósitos não são mais carregados de
poesia do que o bom senso?
Ao sair do sufoco o pai refletiu:
Com certeza, a liberdade e a poesia a gente aprende com
as crianças.
E ficou sendo”.*

Manoel de Barros (1999, p. 12).

É imprescindível que algumas considerações finais acerca da pesquisa sejam realizadas. Cabe reforçar que, foi escolhido o livro didático do 4º ano do Ensino Fundamental I para compreender como os poemas aparecem quando não há a clara obrigatoriedade de trabalhá-los. Visto isso, é destacável que os poemas apareceram no decorrer do livro como esperado, ou seja, com base nas considerações de Soares (1999; 2011), de forma reduzida. Os exercícios, geralmente, os colocam com papel secundário e as atividades acabaram seguindo o que se espera para o ano específico. Contudo, também foram identificados exercícios que pretendiam contribuir nessa construção histórico-social, principalmente no manual do professor, com uma movimentação de indicações que ressaltam a importância da literatura, da poesia e da construção do leitor-literário.

Ora, a presente pesquisa se estabeleceu de forma pertinente para compreender como os poemas são apresentados e trabalhados em um livro didático específico, destinado ao 4º ano do Ensino Fundamental I. Serviu como uma ponte que gerou percepções para as mudanças que vêm ocorrendo quando se trata do espaço da literatura destinada às crianças, com foco nos poemas. Nesta conjuntura, fica evidente que se comparado com o início da escolarização da literatura no Brasil, há conquistas e avanços, como um movimento de valorização, além de

finalidades que remetem ao aluno a percepção do meio e do lugar em que está inserido. Porém, alguns padrões negativistas ainda prevalecem, como o papel secundário que é dado à poesia, seja em sua apresentação, citação ou nos exercícios propostos, assim como certas condutas, como a fragmentação do texto poético e a diminuição de suas potencialidades.

Conclui-se que, ainda que o foco da análise tenha sido esmiuçar os poemas presentes no material didático, é necessário destacar que a literatura foi apresentada de forma diversa no mesmo, com produções que vão do popular até o erudito, apresentado novas possibilidades para o que é percebido como antigo, além dos textos que a compõem. Também há incentivo para a participação coletiva e o trabalho em grupo, propondo a ludicidade e a abordagem de variados gêneros textuais. Todavia, depreende-se que mesmo que no manual do professor exista o movimento de valorização, no livro didático, visto o quantitativo de poemas trabalhados e as finalidades em que geralmente aparecem, as conexões entre poema, desenvolvimento do leitor-literário em relação à construção da percepção de si e do mundo, não foram tão presentes e claras.

Referências

ALVES, A. M. *O poema infantil em livros didáticos do Ensino Fundamental nas últimas três décadas*. 2012. 115 f. Dissertação (Mestrado em Linguagem e Ensino). Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino, da Unidade Acadêmica de Letras, da Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande, PB. 2012.

BARROS, M. *Exercícios de ser criança*. Bordados de Antônia Zulma Diniz, Ângela, Marilu, Martha e Sávia Dumont sobre os desenhos de Demóstenes. São Paulo: Salamandra. 1999.

BRASIL. Lei n. 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm> Acesso em: 13 fev. 2022.

BRASIL. Secretaria de Ensino Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa*. 3º ed. Brasília, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria da Educação Básica. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf>>. Acesso em: 01 fev. 2022.

CANDIDO, A. O direito à literatura. In: *Vários escritos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011, p.182.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2012. p. 17.

DIAS, R. M. Arte e vida no pensamento de Nietzsche. *Cad. Nietzsche*, São Paulo, v.36, n.1, p. 227-244, 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cniet/a/pmpqhRPD75xN8SqfWvcfXZJ/?lang=pt>> Acesso em 16 de Out. 2021.

FONSECA, J. J. S. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002.

MIRANDA, L. B. de. *Poesia na educação: um estudo de caso na turma do 9º ano "A" da Escola Estadual Garcia Garrido Firmino no município de Peixoto de Azevedo MT*. 2018. 62 f. Monografia (Licenciatura em Letras). Faculdade de Ciências Sociais de Guarantã do Norte. Guarantã do Norte, MT. Disponível em: <https://s3-sa-east-1.amazonaws.com/sophiauta/Letras/TCC+online/tcc+Lazaro.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2022.

NIETZSCHE, F. *Obras incompletas*. Seleção e ensaio de Gérard Lebrun. São Paulo: Editora 34, 2014.

ROCHA, M. I. J. da; OLIVEIRA, R. M. da S. Literatura de cordel: história e poeticidade. *Anais do XIII Congresso NUPIC*. 2016. Disponível em: https://publicacoes.fafire.br/diretorio/nupic/nupic_2016_10.pdf Acesso em 17 de uut. 2021.

SILVA, A. P. S. M. da. *Tão boa, tão delicada: a imagem da criança na poesia infantil de Olavo Bilac*. João Pessoa. 2015. 52 f. Monografia (Licenciatura em Letras) Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa. 2015. Disponível em: <https://www.ufpb.br/geef/contents/documentos/tcc-ana-paula-serafim-da-silva.pdf> Acesso em 06 de Set. 2021.

SILVESTRE, A. R. *Vem voar: língua portuguesa: 4º ano*. São Paulo: Scipione, 2 ed. 2019.

SOARES, M. B. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SOARES, M. B. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, A. A. M.; BRANDÃO, H. M. B.; MACHADO, M. Z. V. (Orgs.). *Escolarização da leitura literária*. 2ª ed., 3ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

ZILBERMAN, R. *A literatura infantil na escola*. 9. ed. São Paulo: Global, 1994.

AUTOR 1– Magda Dezotti

E-mail: magda.dezotti@uemg.br

<http://orcid.org/0000-0002-3460-8423>

AUTOR 2– Ana Vitória Faria de Azevedo

E-mail: ana_vitoriafaria@hotmail.com

<http://orcid.org/0000-0002-0326-3725>

Recebido em: **26 jul. 2022**

Aprovado em: **05 set. 2022**